

Sindicatos não querem abrandar

Nos países com modelos tradicionais de sindicalismo e onde a economia é muito desenvolvida, o desaquecimento da economia e, principalmente, a recessão econômica, fazem com que os sindicatos reduzam suas atividades. Isto é, em tempo de crise, ao invés reivindicar grandes reajustes de salários, o melhor é tentar garantir o emprego, fonte de sobrevivência.

No Brasil, o sindicalismo não segue os mesmos passos (combatividade e representatividade) do sindicalismo europeu nem a economia é avançada. Mesmo assim, a retração dos sindicatos em tempo de crise é comum, como são tão comuns as crises brasileiras. Um exemplo recente foi o fechamento de acordo salarial entre os metalúrgicos do ABC e as montadoras, sem greve e com um percentual de aumento real de apenas cinco por cento. "A indústria está em recessão. Seria suicídio tentar uma greve com o risco de muitas demissões", justificou-se o presidente da CUT, Jair Meneghelli.

Diferentemente do que ocorre no setor privado, entretanto, as greves agitam o setor público, cujos funcionários exigem a recomposição do seu poder de compra. Nos Estados, a situação é mais crítica, porque os governos se recusam a pagar os reajustes pelo gatilho salarial.

Experiente consultor na área trabalhista, o administrador de empresas Wilson Cerqueira afirma que o movimento sindical continuará aquecido, mesmo numa onda de desemprego. "O País tem um enorme problema social. O trabalhador já não tem para onde fugir, portanto os sindicatos continuarão a reivindicar" diz ele. Aos empresários, Cerqueira tem aconselhado a redução dos focos de insatisfação dentro das empresas, através de recuperação do poder aquisitivo das faixas salariais mais baixas.

Um bem situado assessor do movimento sindical também acha que as entidades não vão recuar diante da crise. Conforme ele, num ano crítico como 1983 o movimento dos sindicalistas estava de tal maneira articulado que fundaram a CUT. Essa mesma fonte prevê que, ao contrário de 1986, quando as greves foram mais curtas e realizadas dentro de cada empresa, este ano as greves voltarão a unir categorias inteiras e por períodos de tempo maiores.